

MOCIDADE LIVRE

PELA REPÚBLICA

Editor:

HOMERO DOS SANTOS GARCIA
Administrador:

JOSE RODRIGUES R. MARQUES

Assinatura: Série de 12 números 5\$00

DIREÇÃO DE

José dos Santos Pardal e Luiz Pinto Garcia

PROPRIEDADE DO GRUPO «MOCIDADE LIVRE» (EM ORGANIZAÇÃO)

Redação e Administração

RUA 5 DE OUTUBRO - CASTELO BRANCO
Compreensão e Imprensa

TIPOGRAFIA MINERVA - CIVILHIA

Publica-se em todos os quinze dias

HA 41 ANOS...

De norte a sul, de leste a oeste, toda a pátria portuguesa, comemorou o 31 de Janeiro, data gloriosa e glória da História do regime republicano português. Gloriosa, sobre todos os títulos, porque marca o início da luta entre uma geração juvenil e um regime velho e arranhado, cuja derrocada estava latente desde há muito. Glória, porque a traição dues e a indecisão doutrinais, não permitiu que nessa manhã fria de Janeiro, as armas republicanas saíssem vitórias.

31 de Janeiro de 1918—dia em que foi implantada a República em Portugal. República efêmera, algumas horas apenas e em que o sangue derramado, sanguineo generoso de tanto martir, não vingou e não pôde fazer vingar um regime que era o sonho de tanto idealista e que é hoje o pensamento de tanto combatente do Ideal sagrado. Faz hoje 41 anos que nas ruas do Porto, centenas de civis, de militares e de estudantes, combateram valentemente pela implantação da República, que só 19 anos depois, numa manhã ruiva de Outubro, seria um facto.

Após a derrota gloriosa, as prisões, os conselhos de guerra, as deportações e os exílios, não conseguiram nunca afastar o pensamento desses heróis, o santo idealismo, que num futuro próximo vencerá.

5 de Outubro de 1910—a Monarquia ruia pesadamente, cedendo aos seus instáveis allercer e perante as armas viloriosas dos vencidos de 1891.

Uma nova aurora surgiu, generosa como o ideal que a gerou, magnânima como os Homens que a fizeram nascer e que tão generosamente derramaram o sangue por ela.

31 de Janeiro de 1932—só passados 41 anos por sobre a primeira tentativa de mudança de regime e hoje como ontem, amanhã como hoje, os sobreviventes dessa glória vitória, acompanhados pela nova geração, estão prontos a defender a República imortal e a derramar o seu sangue generoso, como ha 41 anos.

DEFININDO POSIÇÕES

Pergunto-me um amigo para que gasto o tempo precioso desta existência cheia de lutas e ignorância, «desprezado», carinhoso como é, mostrando sempre a mesma simpatia, quando eu digo, que não sei que fazer devo interessar, voltar, assim, costas à poeira, alegria que a realidade os oferece e que ele salvoressa resquintadamente numa expressão herançada de contentamento e de alegria?

E, logo, sem sentir a necessidade de presençar, tenta repreender-me levando-me, com um sorriso quasi ironico, essa frase banal que, ali, chego a supor escrita algum «dicionário de frases feitas» ou nação desses livros de «poder mal» tal a insistência com que são lidas por elas os meus simpáticos amigos.

E lá se foi, deixando-me entregar aos meus pensamentos que nascem altam constituinte a análise daquele «dandy» mais leito do que eu, que, escutando os nortões da Vida, senti um dia a necessidade de observação.

Acompõem-me com um pésaro ódio no limite do meu campo visual, e, então, ô-me, também, mas... de desgosto, perdendo, sinceramente,

E que a minha retina gravava de um modo indelelo, o indiferentismo daquele jovem de maneiras adoradas, de uma enervante vaidade, que desprendiam, me olhava quando lhe pertencia de maneira a meus olhos, que achava que a sua ignorância era a impressão de todo o caráter e sentido das minhas ideias impregnadas de uma convicção invulnerável, porque elas iam para além da restrita circunscrição dos bales, em causa de fulana, dos olhos espalmados da Greta Garbo, dos «flits» esfumados, dessa série de afeções que nessa gente, misia, de mala actividade mental e desencadeadas da sua função, teve de lançar mão para passar o menos aborrecidamente possível as horas a que o destino a condeneu a viver...

Perdi, então, por estes ligadões, deserto arido por onde vagueou, durante algum tempo, a minha escassona pena, ansiosa por desmontar que fisionomia de ignorância aquela palavras, que mostram a completa ignorância da localização da minha herida de combate.

Serei, na verdade, um político?

Mas que é política afinal? Política é uma palavra do vocabulário grego, significando «o nome da cidadão» (Athenas) que sinaliza uma das ciências mais complexas e mais difíceis do espírito humano.

Assim, é de compreender que, nos seus eus e sua vocação de erudição, a vastidão desse novo filósofo, que tenta canalizar o esforço da sociedade, a constituir com o seu tributo, para a pedição do Estado, que é o seu propósito apedeutístico. Não, em si só, político, por enquanto...

E podia, mesmo, acostumar que nunca o veria a ser...

Mas, então, que sou eu, essa moçada jubilos, que os outros meigos das raparigas, têm receio de lhe porque para a sua candura celeste, acentuada somente no ápice dos sinos, nos galões das suas garras, que o fazem tornar-se o encanto das raparigas, que garante a querer outro homem, fidelidade, honestidade e o encanto real. Batizado Jovem, que acaricia a chama de uma ideia que nos liberta dos preconceitos trespassando ao odor persistente da tradição e nos oferece, em fraca, um campo liberto, uma vastidão inénfia, onde todos se podem lançar numa luta honrada e dignificante na procura do que não se obtém por hereditária, a nobreza de carácter e de sentimentos fosse herdar a sua alma angústia ou, porventura, perturbasse o sereno sono dos seus Ingleses corações?

O que sou? Sou um político idealista?

Falvez, nunca tivemos leito à nossa consciência esta pergunta...

Sim, que somos nós?

Nós... somos que essa mocidade, que transforma as cancas em mortas saudade, que não se casa de descolorir ao passar defronte de uma igreja; que não deixa de achar as suas piedosas crenças—não conseguem ser cristãos!

O que nós somos é cristãos... Humanitários!

As nossas bandas, que cada vez se excham no sangue dos oprimidos, dos torturados de uma Sociedade corrupta, o nosso programa é mitigar as dores desse longínquo inenso, que as horas presente apoio e calor escaladante da luta por uma aspiração legítima—que, o grânde ao direito de viver—entre tem os seus oitos sonhadores, mas, bem difícil de conquistar: «o pão de cada dia».

E só se vêem nela moços porquê pensamos em coisas que os crebros obcecados e necessitados pelo ambiente sotto no topo das naves da igreja, se recusam a encarar porque o seu brilho o cega?

Não, pelo contrário...

Nós somos moços porquê acelemos na generosidade dos nossos peitos as aspirações submissas da petição humana e do Progresso!

Nós somos cristãos, porque sentimos a misericórdia, o sofrimento, a angústia dos pobres, dos desgraçados!

Eis o que eu sou, meu cara amigo.

E diz-me, agora, o que é tu?

Não sabes responder-me?

NOTAS SOLTAS

-4 Voz do ... 2000-

Como todos sabem, republicanos e monárquicos, o 31 de Janeiro é o dia mais importante da História da Pátria, que se dura há 41 anos em Portugal. Todos os jornais em geral, jornais célebes acusaram os republicanos de terem violado a paz e de terem querido extinguir a existência espiritual dos seus periodicos; os conservadores, antecipando o facto, sem conservar os respectivos artigos e acusando os republicanos de terem violado a paz e de terem querido extinguir a existência espiritual dos seus periodicos.

Apesar da Voz do ... Demos, no seu número II, e a seguir ao desmentido Calcanhar que dedica o jornal, a morte do Dr. D. Carlos I e seu filho, o príncipe da Beira, que viveram até ao maior a despropósito.

Pergunto agora se escreveram o ensignamento, que perfila aquela ou alguma outra, que se pode considerar de todos os jornaes de 31 de Janeiro em vez de se preocupar com a morte de dois homens, que não eram de menor importância para a consernação daquele dia?

Vê-se logo que aquilo está da cabeca dum homem, que é António (bigodes)...

Outra

Houve outro jornal também que dedicou o seu numero de 31 de passado mês, a um estudo do movimento revolucionário de 31 de Janeiro, intitulado «O seu significado revolucionário».

Não o consumiste, senhor gastronómico, nem o gastei, que é a tua parte, mas se queres, e com certeza, é de te interessar o seu significado revolucionário.

Fala-nos agora, querido gastronómico, que esse movimento foi nacionalista, porque constituiu uma vigorosa resposta ao ultimato de 1908, que os Braguetas pararam esperar...

Basta

Parce que a rádio não vai correndo diante a este apelido profissional e que o governo admite esta designação de rádio, vosso vosso nome gastronómico.

Solidamente, político republicano devem ser os que se sentem orgulhosos de estar entre os governamentais e os conservadores, na Almeida, será em breve, em breve, a hora de se sentirem de guerra de morte contra aqueles de-sertores que querem a guerra, na Almeida, na Europa e em todo o Mundo.

Conselhos, que sejam, que sejam consultas, não se apóiem, é claro, das Ordem, como para si se apregem.

No Extremo Oriente

Finalmente a China, declarou a guerra ao Japão.

Agia hasta constata, tanto carícias, meta nome, os chineses conquistaram terras, que o Japão perdeu, e que a sua parte do continente é inviolável o seu território e o do maior sobre a sua sucessão.

Conselhos, que sejam, que sejam tardar, quanto a isso. Fazem o que todos falam, combatem, para defendê-lo que é seu.

Facilidades de sempre, desejamos estas, que as hostilidades se suspendam e que cosa a Paz e a Ordem, a nação chinesa prospere com o seu trabalho.

Oit... não te cances, eu digo-te.

E é um facho, é a modicidade, vítima de uma velejice preocupa-

coçar.

Porto, Janeiro de 1932.

Artur Maldonado Freitas

De camartelo em punho

REPUBLICANOS, NÃO!

O convencionalismo, a oligarquia, a atitude guardar as conveniências, faz com que todo o troca títulas, o temem republicano, hoje monárquico, triunfe, impunemente, na escalaada da vida.

Nunca se sabe a sua cor política. Nunca ninguém os viu na brecha da luta pela República, ninguém assassinou uma atitude de desassombro ou gesto de sacrifício; e, no entanto, guindaram-se não se sabe como, aos pincarescos lugares de preeminência, onde os verdadeiros republicanos, nem sequer com a vista os atingiam.

Pois bem. A mocidade republicana, jamais, caste ou que custar, transfigurada com essa enorme legião, não consentindo, através de tudo, que eles continuem na mesma senda ignominiosa, come até aqui, apregoados o seu repúdio público para a primeira ocasião propicia, anavaliarem pelas costas o regime que dizem servir.

Ha que escorar todos esses vendedilhos.

Nós queremos uma República só, livre do contacto perfido desses cavalheiros, que tão miseravelmente a tem atraíçoado.

Sem essa limpeza, chamemos-lhe assim, a República jamais conseguirá singrar no caminho livre de espinhos a que tem júts.

Aurora que desponta, rosicler rubro como os fachos sagrados da Liberdade, é prometedora de melhores dias.

A sua cor é mais acentuada, mais nítida, não havendo a possibilidade, tão fortemente impregnada é a sua tonalidade, de nulla caberem as meias tintas, dubias e comprometedoras de uma boa obra, obra de artista genial.

Quadro maravilhoso que deslumbrará nas suas fortes pinceladas — rubras — a multidão ansiosa de novas emoções.

Obra que será um hino de beleza; obra que será conhecida desde a cosmopolita cíduo aos tuguricos aldeões; obra que será a verdadeira obra da República.

Queremos trabalhar, mas com honestidade. Estaremos sempre na barricada enquanto a obra não for completa, rígida e unanimite, satisfazendo toda a massa sublime do povo que tão injustamente tem sido retribuído dos sacrifícios feitos pela República.

E quando ao trabalharmos para essa obra grandiosa, reivindicadora, progressiva, encontrarmos ao nosso lado compatriotas leais, amigos combatentes pelo ideal dum regime de Liberdade, então, poderemos exclarlar, através de uma canora, sem receio, altivamente:

Republicanos, sim!

Valencia de Alcântara, Janeiro de 1932.

MARIO ROSA

SOPA DOS POBRES

Extrato da acta de 26 de Janeiro corrente:

... montante do desaire obtido no bando precatório realizado no domingo, dia 24 de Janeiro:

| | |
|------------------------------------|-----------|
| Bando precatório propriamente dito | 2.864\$20 |
| De uma senhora | 500\$00 |
| De diferentes pessoas | 11\$05 |
| Anônimo | 5\$00 |
| Total | 3.380\$25 |

Resolveu-se:

- Oficiar ao sr. comandante da polícia, pedindo-lhe para não permitir desde já a mendicidade sem que o pobre seja portador dum bilhete especial passado no comando;
- Solicitar dos habitantes de Castelo Branco, por meio da imprensa, a maior cooperação a favor da sopa dos pobres, para por termo à mendicidade;
- Oficiar à Câmara Municipal pedindo-lhe a cedência do material pertencente à extinta Cântina Escolar;
- Pedir a todos os albicastrenses que preencham o mais breve possível os boletins para assim se apressar a instalação desta instituição de beneficência.

ARTUR MALDONADO FREITAS

Já restabelecido, volta a honrar-nos com a sua valiosa colaboração, este nosso prezado amigo e cicereligionário.

UMA ENTREVISTA

Ho dias... resolvemos abordar o nosso amigo sr. dr. Joaquim Bastos e inquirem da sua estabilidade nessa terra.

— Fui colocado na Guardaria de Castelo Branco com o fim ressuscitar de lavercer a mensa Guarinchão — que aliás tem acontecido a muitas meninas numerosas — com o ramo da Ciencia que me está confiado Farmacia e Analises Clinicas.

Procurava a que era natural, encotar dificuldades a vencer, sempre contei com a campanha de descredo, tão profissional porque a paciencia, que não leva a interessar os incertos, cosa que alguma, à sombra claudicava de fins reservados, procurava cronicar melindrosamente...

Dirigiu de breves dias, a verdade verificou-se que o sr. dr. Joaquim Bastos era do domínio publico e hoje estou certo que, as Estacias Superiores, estão prevariadas contra nova invasão...»

A curiosidade levou-nos ao ponto de perguntarmos oficial do mesmo esco, não é verdade? Nós, mas... leigo não vai o agir, e não não acredita que seja verdade.

E os alzares que tem tido justificam a sua presença?

Por enquanto, não. O material é deficitissimo, os medicamentos são sendo reduzidos são causando poucos e a instalação é mesquinha...

... A boa vontade do Ex.^o Comandante da Guardaria é grande, e não é menor a deles. Estou certo que o sr. dr. Joaquim Bastos tem condições confidencial a si a sua Família Militar. «Nós preparamos a instalação num Laboratório de Analises. São, penso eu, a serem, tem sido esse o ramo a que tenho dedicado toda a minha actividade. Sem preparação especial para esse fim! Eu lhe digo! Ele só pensa a que a minha actividade é a de laboratório, quando também consegui o diploma de Oficial de Química da Escola Agrícola, frequentei Bacteriologia Especial na "Câmara Pequena" e ensaiava nos Laboratórios do Hospital de S. José, da Estrela e Famalicão Central do Exercito.

... A clínica tem exigências nos seus diagnósticos que dia a dia se avolumam mais. O Laboratório é o silêncio. Apenas a cozinha é que se pode considerar, tendo em todas as cidades como a França possa, pelo menos em todas as províncias. Aguardo a oportunidade para me lançar de alma e coração a esta empresa, hei que de conterá terá algumas surpresas a mim... dos fracos não ressuscita História. Estou certo que o distritico saberá corresponder a tal necessidade. E' necessário que o sr. dr. Joaquim Bastos deixe de ser uma pretensiosa capital de distrito para ser uma capital de distrito de facto... Quando tiver oportunidade direi para o sr. Jornal o que passa os diversos ramos de analises nesta clínica.

□ □ □

Assinantes

«Facultade Livre» e «Revistas das votos assinadoras e anunciantes»

Como estamos efectuando a compra dos recibos relativos às 12 primeiras assinaturas, esperamos que todos eleclorem e se paguem, evitando assim os traslados ocasionais da sua devolução.

Rogamos também o favor de os consermarem quaisquer irregularidades da entrega do jornal.



Visado pela censura

CARTA DO PORTO

Literatos e faunos...

Mesmo caros amigos livres:

Vocês nunca se deram ao trabalho de se desfargarem de polícias e rondarem, assim como quem não quer a coisa, os centros de caras da vossa terra?

Pois se ainda o não fizerem acreditam que têm perigo muito.

Eu também nunca o fiz porque não residia afi e ainda porque a polícia de polícia me não agrada nada.

Mas, apesar disso, sei perfeitamente quais os apóstoles que carriera ácross do vosso jornal, de certos cartilhos cujo espírito crítico é simplesmente... estupido.

Aqui está um diálogo que, tenho a certeza, qualquer de nós sentiria se questionar dessa sua importância aos autores:

— Mocidade Livre? Ora, um grupo de cretinos, de garotos, que não merecem consideração nenhuma.

— Meia diaz de galinhos que não sabem escrever com correção duas frases seguidas, metêr-se a publicar um jornal!

— Esta nem é diabo...

E sabem vocês quem são os intendentes que assim fazem de vida?

Não sabem. Pois também eu não sei mal, tenho a certeza que se trata de cavalheiros mais garotos do que rios, se não na idade, pelo menos no comportamento.

Sobre o outro aspecto paguei essa gente, seu critico estendendo por bem calar-me para que não ver obrigado a dizer o que tipo que, da língua portuguesa, contebeam aveias as 24 letras do alfabeto, item Texas Jack e Arsenio Lupin e, ostensivamente exaltadissimo e despedrada no parede a sala de visitas, a ilustrada, de agravos com 10 valores, de cada vez o exame de 2º grau!

Se ainda for o resto de mechações que nesse folio era até capaz de afirmar que, quando «Mocidade Livre» avançava a sua publicação, havia malta boa gente que começava a pensar seriamente em lhe fazer a esfera.

A's alicentrenses essas doiduras tomam a liberdade de recomendar estes criticos de meia de calé. E é isto as malditas razões...

E' que tanto ouviu fazer, a maioria homens, a apologia da mulher estupida para esposo. E se o inverso se fizer verídico...

Dedicadamente, os albicastrenses, por mais pacotes que elas ai nos regem, dão sempre em verdades d'água quando se apagam fogo do alcance dos paternos abares. Além de hontem assisti a uma cena que bem demonstra terem os albicastrenses um farto conquistador — não se ofenderam... verdadeiramente assonante.

Um cavalheiro que vocês muita bem conhecem, paisote, el pelo meio acha, e seu bom... humor por a-

